

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO AUXILIAR NA ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA SURDA INCLUSA EM SALA DE AULA REGULAR

CHARLENE DE LIMA ALEXANDRE DA SILVA¹

INTRODUÇÃO

O intuito deste trabalho é relatar experiências vividas numa sala de aula inclusiva por uma criança surda no contexto escolar, a intenção é contribuir no processo de alfabetização com técnicas voltadas para ajudar na comunicação e nas formas como esta criança pode processar as informações que recebeu durante a contação de história.

Este relato aponta informações pertinentes ao desenvolvimento do processo de alfabetização de um estudante do 1º (primeiro) ano dos iniciais na sala de aula com 25 estudantes ouvintes, com a professora regente e o auxílio da professora intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida no Brasil em 20 de abril de 2002, pela lei de nº 10.436 e foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005 que passou a vigorar posteriormente, e foi a partir de sua publicação que as pessoas surdas tiveram o direito de aprender em sua língua materna, língua natural ou primeira língua. E assim, a alfabetização de surdos pode ser colocada em prática.

A contação de histórias instrumento escolhido para a inclusão, auxilia na alfabetização de surdos, o convívio e o protagonismo se apresenta de forma relevante, pois, quando se usa a imagem, o sinal

1 Mestranda no Curso de Linguística- Proling da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, charlene.limaalexandre@gmail.com;

em Libras e o estudante surdo para apresentar dá a oportunidade de se fazer valer uma educação igualitária, equitativa e humanizada.

O relato aponta a interação e o diálogo na sala de aula inclusiva, assim é possível perceber as identidades surdas dentro do universo visual, em especial a imagem, bem como o protagonismo de um discente surdo, visando uma aproximação, apreciação das percepções de mundo deste sujeito e a sua língua.

Os objetivos deste artigo se dá a partir da revisão da literatura e posteriormente: I- Observar como a contação de histórias facilita o processo de ensino- aprendizagem; II- Perceber o protagonismo do estudante surdo dentro de uma sala de aula inclusiva; III- Observar as combinações de interação e ludicidade por meio da Libras e de imagens; IV- Explorar como a Libras apoia e facilita a interação.

O Problema de pesquisa se dá neste relato pela importância que a Libras se apresenta no país e como ela ainda é desafiadora para trabalhar em sala de aula, a partir dos objetivos abordados anteriormente que nos dão base e sustentação para o debate de forma clara e objetiva, como pode-se trabalhar uma língua e estimular o seu uso por meio da contação de histórias, quais impactos ela apresentará na vida dos dicentes?

Este estudo se justificativa pelas discussões que a Libras traz nos campos de estudos, nas famílias, na escola, na educação como um todo, na universidade, pois se trata de uma língua reconhecida no Brasil, mas que ainda não é oficial, assim, os estudantes surdos estão dentro da sala de aula na busca de uma educação que contemple a todos.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que são mais de 10.000 (dez mil) surdos em todo o país que usam a Libras ou que fazem uso de alguma comunicação para manter o convívio e se ter direitos linguísticos ainda muito escassa por falta de políticas públicas que a contemple.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este relato aponta informações pertinentes ao desenvolvimento do processo de alfabetização do estudante em uma turma do 1º ano dos Anos Iniciais no município de Ipojuca- PE, no período de 2020, participaram o professor regente, como também o auxílio da intérprete

de Língua Brasileira de Sinais (Libras) que acompanha o estudante surdo e a turma.

Foi utilizada a observação direta participante, e a pesquisa do tipo qualitativa, exploratória que embasam este artigo e reflete a importância do protagonismo do estudante surdo dentro de sala de aula, como também dá subsídio para investigar a interação entre eles.

Utilizou-se o livro “Os três porquinhos surdos” em Libras, que é uma adaptação dos três porquinhos existente na Língua Portuguesa, que conta a história de três porcos que eram atormentados pelo lobo mau e por não ouvirem, se deram bem no final da trama.

Para Sampieri et al (2013, p.99), a pesquisa qualitativa, infere que: “Os alcances resultam da revisão da literatura e da perspectiva de estudo, dependem dos objetivos do pesquisador para combinar os elementos de estudo,” e para a pesquisa exploratória tem-se que, “Pesquisam problemas pouco estudados, indagam a partir de uma perspectiva inovadora, ajudam a identificar conceitos promissores e preparam o terreno para novos estudos”.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa apresenta as principais discussões teóricas e a sua importância na ao longo do tem abordado. Segundo as autoras (LAKATOS; MARCONI, 2003), “ O referencial teórico permite verificar o estado do problema a ser pesquisado, sob o aspecto teórico e de outros estudos e pesquisas já realizados”.

O processo de alfabetização da criança surda no contexto escolar na sala de aula inclusiva é permeada por várias discussões, a contação de história tem a proposta de utilizar técnicas voltadas para ajudar na comunicação e nas formas como esta criança pode processar as informações que recebeu durante a contação de história.

A contação de história compreende uma ferramenta importante para a alfabetização da criança, inclusive o enfante surdo, por meio da narração, a criança pode abordar os sentimentos, aguçar seus conhecimentos, suas fantasias, seus encantamentos e vivenciar seu dia a dia. Com isso, infere-se que: “a criança iniciada no mundo da leitura é alguém que pode ampliar sua visão do outro, que pode adentrar no universo do simbólico e construir para si uma realidade mais carregada de sentido.” (CAVALCANTE, 2002 p.31).

Para Busatto (2012), é por meio da contação de histórias que a crianças tem o poder de se encantar, criar dúvidas, encontrar argumentos que justifiquem suas afirmações, compartilhe ideias e tenhas diferentes respostas. As histórias por mais que sejam as mesmas nunca vão provocar a mesma sensação aos participantes, pois isto vai depender das histórias de vida que perpassam ao cotidiano de cada um.

Segundo Busatto (2012, p.52), a contação de histórias através do uso da imagem aponta:

A imagem é um dos elementos de encantamento na contação de histórias. Narrar, não é interpretar e a boa narrativa possibilita o “ouvinte” criar sua própria história. Narrar significa também a capacidade de traduzir imagens cotidiana no texto. Para tanto, devemos considerar o ponto de partida, que não simplifique a história e que apresente boas qualidades literárias.

Ao mencionar a autora para embasar o relato de experiência, é importante salientar que esta possui aprofundamentos teóricos bastante contundentes com a proposta aqui representada e que o termo utilizado pela autora sobre “ouvinte”, se refere a pessoa que participa da contação ou faz a contação, neste caso, o estudante surdo.

A contação de histórias alcança lugares imagináveis, a arte de aprender narrando histórias é uma fonte inergotável de conhecimento, que faz o leitor e o contador se debruçar a algo que é particular, ímpar, que faz sentido a partir da sua vivência, da sua experiência com o mundo, narrar histórias cura, faz emergir a magia do só ser, é transformar aquilo que não se aprende por si só.

Conforme Sisto (2012), “o contador de histórias é também um agente de sua língua”, isso posto, fica evidente quando uma criança surda usa da sua língua para se comunicar e contar uma história, para encantar o outro com os sinais e assim fazer com que seja protagonista de sua vida e os seus colegas percebam que na mesma sala existem pessoas diferentes, singulares, diversas.

Sisto (2012, p. 36), sobre a diversidade do público na contação, aborda que:

Se o público é misturado, a saída é apostar na diversidade do repertório, o mais importante é que todos saiam satisfeitos, com a sensação de que a criação da beleza pode

se dar em palavras, com a força de quem refaz no mistério, no humor, na maravilha, e depois, abre a porta para o insuspeitado.

Com as colocações do autor, a contação já se fez um repertório diverso por ser contado em histórias na Libras, com clareza, com estímulos lúdicos que fizeram com que os estudantes fixassem o olhar e participassem ativamente da narração.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a organização deste relato de experiência foi preciso uma forma diferente de contar história, pois a narração estava puramente na Libras, para que todos pudessem participar e imaginar a vida através do olhar de uma criança surda. A literatura trabalhada é apresentada às crianças de forma lúdica, onde a criança era a protagonista.

A interação foi um dos elementos que mais apareceram na contação de história, pois o estudante surdo contando a história, era parado o tempo todo para fazer o sinal de animais que apareciam na história, os estudantes ouvintes que participaram, ficavam a todo tempo perguntando e fazendo os sinais apresentados na história.

O Protagonismo do estudante ficou muito perceptível, a partir da contação de histórias organizada pela professora regente e pela intérprete de Libras da sala de aula, assim, a criança pode extrair o que há de melhor na cultura surda para contar a história dos três porquinhos surdos.

Nas observações ficou aparente como a contação de história dos três porquinhos facilitou o processo de alfabetização dos estudantes surdos. O ensino- aprendizagem posterior foi percebido, pois os estudantes melhoraram a escrita de algumas palavras presentes no texto, como o “r” da palavra porco, uma outra percepção é que os estudantes passaram a procurar mais o discente surdo para conversar.

A ludicidade por meio da Libras e de imagens também se percebeu o quanto foi norteador para os estudantes, pois as imagens melhoraram a tríade: imagem, sinal, escrita, de fato, foi uma experiência interessante a aprendizagem através da contação de histórias, isto apareceu de forma evidente posteriormente às aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contar histórias é uma arte milenar que passa de geração a geração e está presente em nosso dia a dia. Contar histórias aguça a imaginação, tranforma matérias fluídas que são as palavras. Contar encanta, diverte, cura, materializa, traz contornos e fomas, faz a imaginação voar a alturas inalcançáveis.

A experiência mostra que trabalhos como este enriquece a prática para leituras, como também desperta o interesse dos discentes pelos livros, estimula a interação e a inclusão de crianças surda. Portanto, a intenção deste relato é contribuir de alguma forma com alfabetização das crianças no ciclo de alfabetização e proporcionar aos estudantes ambientes lúdicos de aprendizagem.

Também se abre a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo de atuação, bem como diálogos com as análises referidas ao longo do resumo são importantes para que as pessoas surdas tenham acesso a sua língua, o direito linguístico preservado e possam interagir com outras crianças e com outras pessoas sem serem tolhidas do direito de se comunicar, que discussões como estas não cessem.

Palavras-chave: Contação de histórias. Inclusão. Interação. Ludicidade.

AGRADECIMENTOS

À professora regente, Maria Lucilene, à escola municipal Jarbas Passarinho, aos estudantes de sala de aula que participaram com muita energia no aprendizado de uma nova língua para se comunicar com o colega de sala, à coordenação da unidade escolar que tanto me ajuda para uma educação de excelência e está sempre discutindo projeto na área de Libras.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, Fábio. Metodologia da Ciência: Filosofia e prática da pesquisa/ Fábio Appolinário. --2. ed. -- São Paulo: Cengage Learning, 2016.

BRASIL. Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Acesso em 23/09/2022.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa/ Cléo Busatto. -8. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CAVALCANTE, M. C. B. Hologestos: produções linguísticas numa perspectiva multimodal. Revista de Letras, v. 1, n. 31, p. 9-16, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revletras/article/view/1057> . Acesso em: 24/ 09/ 2022.

SAMPIERI, Roberto Hernández. Metodologia da Pesquisa/ Roberto Hernández Sampieri, Carlos Fernandèz Collado, María Del Pilar Baptista Lucio; Tradução: Daisy Vaz de Moraes; revisão técnica: Ana Gracinda Queluz Garcia, Dirceu da Silva, Marcos Júlio. -5. ed.- Porto Alegre: Penso, 2013.

SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias/ Celso Sisto 3. Ed. Ver. e ampl. -Belo Horizonte: Aletria, 2012.